



História & Distopia

JÚLIO BENTIVOGLIO

2ª Edição

Editora Milfontes

HISTÓRIA & DISTOPIA



Copyright © 2019, Julio Bentivoglio.

Copyright © 2019, Editora Milfontes.

Av. Adalberto Simão Nader, 1065/ 302, República, Vitória ES.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe:

Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)

Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)

Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)

Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)

Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)

Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)

Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP)

Prof. Dr. Hans Urich Gumbrecht (Stanford University)

Prof^ª. Dr^ª. Helena Miranda Mollo (UFOP)

Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)

Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)

Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)

Prof^ª. Dr^ª. Karina Anhezini (UNESP - Franca)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Beatriz Nader (UFES)

Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)

Prof^ª. Dr^ª. Rebeca Gontijo (UFRRJ)

Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)

Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UERJ)

Prof. Dr. Valdeci Lopes de Araújo (UFOP)

Prof^ª. Dr^ª Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires)



Laboratório de Estudos em Teoria e História da Historiografia

CCHN/UFES - Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras

CEP 29075-910 - Vitória - ES - Brasil.

JULIO BENTIVOGLIO

HISTÓRIA & DISTOPIA
A IMAGINAÇÃO HISTÓRICA NO ALVORECER
DO SÉCULO 21

2ª edição



EDITORA MILFONTES

Vitória, 2019

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Projeto Gráfico e Editoração

Bruno César Nascimento

Capa

Tempestade

Bruno César Nascimento - *Aspectos*

Revisão

Julio Bentivoglio

Rosemary A. J. Bentivoglio

CTP, Impressão e Acabamento

GM Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

BEN476h BENTIVOGLIO, Julio

História & distopia: a imaginação histórica no alvorecer do século 21/ Julio Cesar Bentivoglio. 2ª ed. rev.

Vitória: Editora Milfontes, 2019.

114 p.: 20cm: il.

Inclui Bibliografia.

ISBN: 978-85-94353-73-3

1. Teoria da História. 2. Filosofia da História. 3. Narrativa.
4. Distopia. I. BENTIVOGLIO, Julio Cesar.

CDD 901.02

Sumário

Proêmio	7
Exórdio	17
Distopia ou o <i>pathos</i> da história pós-moderna	21
As ficções científicas da história na modernidade	31
O historiador e seus monstros.....	49
A imaginação histórica no século 21	57
Narrativas distópicas do passado na pós-modernidade	65
À sombra das distopias históricas.....	75
Epílogo.....	91
Referências Bibliográficas:.....	107
Apêndice	113

Proêmio

No dia 24 de novembro de 2013 publiquei uma breve nota em meu perfil no *Facebook* intitulada *História e Distopia* e que tinha como subtítulo *A teoria da história depois do fim da história*. Nela traduzia meu entusiasmo acerca de duas questões que ocupavam meu pensamento: os trabalhos do artista digital George Grie com suas criações fantasmagórico-surrealistas e o debate sobre a nova filosofia da história iniciado com a obra de Hayden White, o qual havia tido o privilégio de conhecer e conversar pessoalmente no congresso internacional *40th Anniversary Metahistory* ocorrido na Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória.

Naquela oportunidade, observava que era necessário estipular, parafraseando Walter Benjamin, novas teses para a história do século 21, um campo que se torna a cada dia afetado pelo relativismo, pelo ceticismo e pelas distopias tal como se pode depreender da leitura de muitas obras e artigos que vem sendo publicados desde o último quartel do século 20 até o presente. Entendia como urgente dar vazão a um debate que pudesse identificar os problemas e os sintomas da emergência de um novo conceito de história que a meu ver não era meramente presentista. Debate que já transparecia nas provocações lançadas à teoria da história por pós-estruturalistas, filósofos analíticos e pela nova filosofia da história inaugurada em torno das reflexões de Hayden White; visíveis em variados estudos acadêmicos, notadamente anglo-saxões, que apontavam para as restrições do realismo, da representação e da narrativa

históricos, configurando novos problemas para história em um cenário, visto por muitos teóricos como pós-moderno.¹ Para Hayden White no século 19 e início do 20,

todas as importantes disputas teóricas e ideológicas travadas na Europa entre a Revolução Francesa e a Primeira Guerra Mundial foram na realidade disputas que visavam determinar que grupo poderia reivindicar o direito de estabelecer em que poderia constituir uma representação “realista” da realidade social.²

Esta noção de representação realista é exatamente o que se encontra em crise. Aquele entusiasmo seja por Gierke, seja por White, vinha acompanhado de uma preocupação: enquanto na Europa e América o debate ensejado pelas *viradas* (ética, lingüística, epistemológica e narrativa) era bem recebido pelos historiadores, no Brasil havia e ainda há enorme resistência em se encarar estes novos desafios que se encontravam e ainda se encontram em curso no âmbito da teoria da história. Entre nós ainda existe um forte apego a um regime de cientificidade do século 20, que procura ignorar as transformações operadas no âmbito dos saberes ou o ainda questionar qual o significado efetivo de nossas práticas científicas e narrativas.³ Ou seja, os historiadores brasileiros escusam-se da categórica questão levantada por Dominick LaCapra: “quais são as formas possíveis de representação histórica e quais suas bases?”⁴ Aqui tudo enseja o apelo a rótulos que reduzem quase tudo a relativismos ou a revisionismos vistos como temerários.

1 Cf. MALERBA, Jurandir. **História e narrativa**: a ciência e a arte da escrita da história. Petrópolis: Vozes, 2016.

2 WHITE, Hayden. **Meta-história**. São Paulo: Edusp, 1995, p. 60.

3 Cf. DANTO, Arthur C. **Historia y narracion**. Barcelona: Paidós, 1989; WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**. São Paulo: Edusp, 1999; TOZZI, Verónica. **La historia segun la nueva filosofia de la historia**. Buenos Aires: Prometeo, 2009.

4 LACAPRA *apud* ANKERSMIT, Frank. **Narrativismo y teoria historiográfica**. Santiago: Finis Terrae, 2013, p. 29.

Em minha curta digressão no Facebook em 2013, servi-me de uma obra de George Grie intitulada *The Flying Dutchman*. Artista emblemático, da arte depois do fim da arte, que deixou a Rússia para viver no Canadá, após a derrocada do socialismo real, Grie cria arte digital, por meio de referências ao surrealismo e construindo artefatos bi e tridimensionais. Aquela obra traz a imagem de um castelo-navio em ruínas projetando-se no mar com seu casco de iceberg, navegando águas acinzentadas sob um céu encoberto. Contemplamo-o como uma súbita aparição de um navio-fantasma, navegando sem alma alguma, como que por inércia, numa rota firme, desviando do observador.

O navio da história tem hoje esta aparência para alguns teóricos e alguns críticos da história. Ele é um clarão fantasmagórico que pretende iluminar o passado. Paira sobre a história anátema semelhante ao do lendário navio fantasma dinamarquês, que às vezes era visto por alguns marinheiros e que foi retratado em várias narrativas. Teria ele existência real? Seriam suas histórias verdadeiras? Um fosso de águas geladas e profundas separa o real dessa imagem do navio, assim como o passado da história. Talvez, o navio da história, como esse de Grie, esteja vazio, sendo preenchido apenas por nossas convenções, por nossas convicções, mas, sobretudo pela imaginação histórica dos historiadores. A história dos historiadores navega célere e suavemente por uma superfície de versões agitadas de águas profundas e pelo movimento incessante dos ventos e das marés, aparecendo e reaparecendo em toda parte. Parafraseando Walter Benjamin, a história é essa aparição única de passados distantes, que insistem e que nos assombram quando, num repente, deparamo-nos com eles vindo rapidamente em nossa direção para, em seguida, desaparecer e tornar a reaparecer em outros lugares, épocas, livros e variações narrativas. Teria a história perdido também sua aura?



Flying Dutchman, George Grie (Yuri Georgevich Gribanovski, 2006).

Talvez os historiadores contemporâneos, ao contrário dos historiadores do século 19, sejam agora naufragos de passados que um dia existiram, mas que no presente, como as histórias, navegam como navios-fantasma que povoam as páginas da historiografia. O estudo do passado no Brasil e no mundo assemelha-se cada vez mais a este castelo de gelo arruinando-se, como um iceberg que se desgarrar e derrete sob o sol irredutível do *real* e da narrativa. Se antes os historiadores acreditavam no passado como algo verdadeiro e palpável, agora parece que eles o contemplam como algo espectral, como uma criação assombrosa da imaginação e do esforço de pesquisa. Como algo insondável, cuja natureza parece esconder-se, residindo invisível nas profundezas de águas cada vez mais escuras e questionáveis; emergindo, episodicamente, em narrativas cercadas de dúvidas e incertezas, ou em vestígios circunstanciais.

O navio fantasma da história hoje navega cauteloso, exprimindo sua dificuldade de restituir, verdadeiramente, o passado ou ainda de salvar, historicamente, a humanidade, promovendo a redenção ética como queriam Droysen ou Hegel, por exemplo. Afinal, como reconhecia Michel de Certeau, a história é um paradoxo, um oxímoro.⁵ Ela se ressentida hoje de seus velhos hábitos distópicos – de controlar e aprisionar o passado num invólucro científico –, controlando-o totalitariamente com suas *ferramentas* analíticas e seu aparato conceitual demasiadamente metafórico. Agora, em um cenário também distópico ela é que tem se tornado refém da criatura que ela mesma engendrou: o passado histórico. O capitão-historiador tornou-se Ulisses, entretanto, não resistiu ao canto das sereias e deixou sua nau navegar perigosamente em meio a recifes. Náugrafo, cuja voz, narrativa ou canto não pode mais reivindicar a verdade!

O casco de gelo da empiria segue derretendo-se, revelando a fragilidade do antigo castelo de ambições e de certezas do navio da história, que agora vaga sem resistir ao cerco do tempo e ao oceano de dúvidas e de considerações críticas. A linguagem de Circe, tudo sabia, antecipou e, por fim, tudo pôs a perder? Teriam os historiadores sucumbido ao canto irresistível da linguagem? Sem as amarras do método, a cegueira ideológica ou o tampão auditivo epistemológico, o navio da história enfrenta a dura tormenta de talvez ter perdido suas referências fundamentais.⁶ No horizonte não há sol ou estrelas para os guiar, apenas esse céu cinzento. Sem um mapa, tripulação ou

5 Cf. CERTEAU, Michel De. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

6 Um dos pontos críticos da história hoje é a desreferencialização do passado, que deixa de ser um lugar ou ponto capaz de orientar as afirmativas dos historiadores. Cf. ANKERSMIT, Frank. **Narrative logic: a semantic analysis of the historian's language**. Hague: Nijhoff, 1983; *Idem*. **Narrativismo y teoria historiográfica**. Santiago: Finis Terrae, 2013.

propulsão o navio da história segue em meio a um oceano de incrédulos, em sua aguda crise desreferencialização.⁷

Este cenário parece encerrar uma longa tradição do conhecimento histórico. Desde sua *reinvenção* no século 19, quando deixou de ser mais um gênero narrativo ou um mero exercício filológico reivindicando para si um estatuto científico, a história, conhecida a partir de então particularmente em França e em Alemanha como *ciência histórica*, conquistou as universidades e ao longo do século 20 ampliou seu prestígio e hegemonia, transportando pesquisadores, interessados e leitores a passados distantes. A euforia pode ser sentida em seus efeitos materiais: a expansão do número de periódicos, artigos, trabalhos acadêmicos e livros dedicados ao campo impressiona, nos mais diferentes países e sua consolidação como um campo acadêmico do saber. O aperfeiçoamento das ferramentas heurísticas, a ampliação e expansão do acesso às fontes, o avanço dos debates historiográficos, tudo parecia indicar um caminho dourado para a história. Como se o passado (ou antes o acesso à verdade sobre ele) fosse o pote de ouro no fim do arco-íris a ser encontrado pelos historiadores nas prateleiras dos arquivos ou na crítica dos testemunhos existentes. Este otimismo modernista coadunou-se com um tipo de compreensão das tarefas da ciência histórica em formação e construiu passados possíveis, com níveis de objetividade e algumas certezas que foram responsáveis pela consolidação do campo, ao lado dos demais saberes durante a primeira metade do século 20. Nas palavras de Ankersmit

a busca da verdade histórica que se inaugurou no século XIX e que inspirou a disciplinarização do texto histórico requereu o abandono da retórica e de efeitos literários, pois se acreditava que estes atrapalhavam o caminho da verdade histórica.⁸

7 Cf. ANKERSMIT, Frank. **Narrative logic...** *Op. cit.*

8 ANKERSMIT, Frank. **A escrita da história:** a natureza da representação histórica. Londrina: Eduel, 2012, p. 36.

A expansão dos debates epistemológicos e o aprofundamento da própria crítica histórica a partir dos anos 1960, sobretudo sob o impacto da virada linguística, acabaram por converter o pote de ouro em uma caixa de Pandora. Acreditando ter se aproximado e acessado verdades sobre o passado, em pesquisas que se ampliaram vertiginosamente, por vezes sufocando a memória, a escrita e a re-escrita da história reconheceu-se como praticamente infinita e capaz de revelar múltiplas versões sobre aspectos do passado. Evidentemente que a chamada Escola dos *Annales* já havia advogado transformar o passado, ou a história, em problema, abandonando a história factual eminentemente política para construir uma história mais social. O debate historiográfico francês, contudo, afastou-se das reflexões filosóficas, visando consolidar a história como ciência, desenvolvendo a crítica documental, a ampliação dos estudos monográficos e a diversificação de objetos e abordagens acreditando com isto ser capaz de reconstituir cada vez mais o passado. Vozes isoladas como as de Henri-Irenée Marrou e, posteriormente, Paul Veyne e Paul Ricoeur, passaram a fazer coro com autores como Michel Foucault revelando algumas fissuras epistemológicas e fragilidades narrativas daquela concepção de história. Em relação à dimensão narrativa, ou ao problema da reconstituição do vivido, os franceses, na esteira de Roger Chartier, preferiram discutir as representações e seus sentidos presentes nos testemunhos, e não as próprias representações que eram fabricadas pelos historiadores, bem como sua capacidade de refigurar ou compreender o passado. O impacto da virada linguística foi acompanhado pela força de novas reflexões críticas, que inicialmente são sentidas nas restrições apontadas por Levi-Strauss e, em seguida, se tornam mais contundentes nas observações de Roland Barthes, Jacques Derrida e Gilles Deleuze, dando ensejo à chamada virada crítica, vivida a partir dos anos 1990 pelos partidários dos *Annales*.

François Furet já diagnosticava este problema ao revelar esse túnel no qual o homem adentra na escuridão, sem saber aonde suas ações o conduzirão, incerto de seu destino, munido da segurança ilusória de uma ciência acerca do que ele faz.

Ao lado dos dilemas franceses, o impacto da obra de Martin Heidegger e da hermenêutica de Gadamer na Alemanha e em solo europeu, foi acompanhado pelos debates da filosofia analítica anglo-saxã. E também pela inflexão provocada por *Meta-história* de Hayden White, que lançou nova luz sobre a dimensão estética ou narrativa da história, evidenciado ainda as colisões entre o passado histórico e os passados práticos.⁹ Assim, da história problema até os debates narrativistas contemporâneos e à crítica feita pela nova filosofia da história vinculada ao legado de Hayden White, viveu-se um período intenso de reflexão sobre o fazer histórico. Desde então, investigar o passado começou a implicar na abertura de muitos passados incontáveis ou possíveis e, ademais, na contradição entre diferentes passados, que pareciam colocar em risco algumas certezas do conhecimento histórico, em especial uma possível verdade única sobre os eventos. Algo explícito tanto na expansão de uma historiografia revisionista, que revisitava e desconstruía versões tidas como consagradas ou consensuais produzidas pelos historiadores, quanto em uma historiografia negacionista que tocava em temas-limites ou tabus, relacionados a episódios traumáticos, procurando interditar histórias ou verdades históricas vistas como irrefutáveis. Tinha início a chamada virada ética na historiografia, na qual os historiadores começaram a discutir seus comprometimentos éticos ou políticos, bem como sobre quais eventos se debruçar e sobre como deveriam narrar os chamados *eventos limites*.¹⁰

9 Cf. WHITE, Hayden. **Practical past**. Northwestern University Press, 2014.

10 Cf. LACAPRA, Dominick. **Representing the Holocaust: History,**

Tais embates foram intensamente acompanhados por uma virada memorialística, ou dos estudos sobre a memória, que passou a disputar com a história o papel de discurso orientador sobre o passado.¹¹ Das antigas rivalidades em que história era vista como superior à memória, passou-se a se viver um momento em que a memória invadiu territórios da história reivindicando para si maior autoridade narrativa sobre o passado. Esses novos estudos sobre a relação entre memória e história, deram azo a pensar sobre o ressentimento,¹² o trauma,¹³ o esquecimento,¹⁴ e a interdição de passados,¹⁵ em suma, integravam consistentemente a chamada virada ética e memorialística, sob a égide da importância dos testemunhos. Bevernage, por exemplo, adverte sobre o conflito entre o tempo histórico e o tempo judicial.¹⁶ Ao leitor, tanto o revisionismo, quanto o negacionismo, aliados a doses crescentes de ceticismo, evidenciavam o desgaste de antigas concepções de história, que começaram a apontar restrições éticas e narrativas consideráveis indicando como de maneira

Theory, Trauma. Cornell: Cornell University Press, 1994; FRIEDLANDER, Saul. **Probing the limits of representation**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

11 Cf. SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007; Mudrovic, M. I. *El debate en torno a la representación de acontecimientos límites del pasado reciente: alcances del testimonio como fuente*. **Dianoia**, v. 52, n. 59, 2007.

12 Cf. ANSART, Pierre. **Les sentiments et le politique**. Paris: Harmattan, 2007.

13 LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma**. Cornell: Cornell University Press, 2001; LORENZ, Chris. *Historical knowledge and historical reality*. **History & Theory**, n. 33, p. 297-327, 1994.

14 RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007; ROSSI, Paolo. **O passado, a memória e o esquecimento**. São Paulo, 2002.

15 BEVERNAGE, Berber. **Historia, memória y violencia estatal: tempo y justicia**. Buenos Aires, Prometeo Libros, 2016.

16 *Ibidem*, p. 23.

progressiva o passado se tornava um problema e, de algum modo, fugia do controle dos historiadores. Não por acaso, um conjunto considerável de importantes obras históricas começou a ser produzido por não-especialistas: filósofos, antropólogos, sociólogos ou jornalistas, dentre outros.

Este pequeno livro procura reunir algumas destas preocupações, sugerindo alguns caminhos possíveis para se pensar a emergência de um novo conceito de história diante deste conjunto de transformações, as quais têm produzido nos historiadores leituras e apreensões diferentes e muitas vezes contraditórias do passado.